



ORDEM do

Mérito Cultural

2001





A Ordem do Mérito Cultural foi instituída pelo Ministério da Cultura, em 1995, por decisão do Presidente da República. Seu objetivo é tornar público o empenho de cidadãos e cidadãs que, de maneira significativa, destacam-se na prestação de serviços à cultura brasileira.

Com esta comenda, o governo retoma uma antiga tradição brasileira que vem desde o Segundo Reinado e tem origens no século XII, em Portugal. Restabelecida em Portugal, a partir de 1862, com o título de Ordem de São Tiago do Mérito Científico, Literário e Artístico, a insígnia chegou ao Brasil com o nome de Ordem de São Tiago, já destinada, desde então, aos cidadãos que mais ativamente se dedicavam à cultura e às artes.

A medalha da Ordem do Mérito Cultural é uma réplica da condecoração de São Tiago da Espada.

Cidadania: Uma ação de cidadania para a integração cultural do Brasil

Presidente Fernando Henrique Cardoso

"**N**as reações violentas contra a violência senhorial institucionalizada e nas fugas constantes, o negro exprimiu a qualidade fundamental de homem, negando, na prática, a representação que dele se fazia como um ser capaz apenas de realizar a vontade e os interesses dos que socialmente eram seus contrários."¹
[...]

A cultura dos grupos africanos fôra destruída sistemática e deliberadamente pelos senhores brancos; as formas de ser dos negros reduziram-se aos padrões de sentimento e comportamento que os brancos criaram para melhor explorá-los e nelas socializarem-nos. Por isso, os negros tiveram de empreender a lenta reconstrução de si como pessoas a partir do símile existente e possível: o ideal de personalidade do negro livre resumia-se à reprodução em si da imagem onipresente do branco. Talvez a música e a religião tenham sido os únicos setores da cultura nos quais pôde-se manter a "alma negra"(...). Através da religião, os negros puderam não apenas exprimir-se como negros, mas manter formas de sociabilidade muito importantes no processo de reorganização da vida do negro livre."²

"A abolição, desacompanhada como foi de medidas que sinalizassem a responsabilidade social dos brancos pela situação degradada dos negros, não implicou democratização da ordem social. Desprovidos de recursos mínimos para o exercício da cidadania, os negros passaram de cátivos a excluídos, sem chances reais de uma inserção positiva no processo produtivo."³

"A escravidão foi um peso terrível: a "nódoa" da colonização portuguesa, como dizia Joaquim Nabuco. Uma sociedade que durante quatro séculos manteve sua prosperidade na base do trabalho escravo paga um preço muito alto por isso. Deforma-se. Estamos há um século sem escravidão, mas é preciso ter consciência do que ela representou para combater o que restou em cada um de nós. Restou muito, inclusive nos descendentes de escravos, que muitas vezes aceitaram coisas inaceitáveis."⁴

"Quando você vai a um culto de candomblé (...) é preciso passar antes pela capela do Exu, que não pertence ao Olimpo... Mas ninguém pensa que se vai acabar com o Exu então, o bem e o mal convivem não-dialecticamente, ou seja, a contradição não leva a um movimento de superação (...). A mesma pessoa é capaz de fornecer uma explicação racional, mas também pode aceitar o misticismo e não vê contradição nisso. Pode ser chocante para quem não vive a cultura brasileira. Eu costumo dizer que sou cartesiano, mas tenho uma pitada de candomblé. Sem essa pitada de candomblé não se sobrevive aqui."⁵

"A discriminação se consolida como alguma coisa que se repete, que se reproduz. Há uma repetição de discriminações, que tem de ser desmascarada, contra-atacada, não só em termos verbais, mas também em termos de mecanismos e de processos que possam levar a uma transformação na direção de uma relação mais democrática entre as raças, entre os grupos sociais, entre as classes."⁶

"Ao olhar de frente para a questão racial, o Brasil se reconcilia com sua formação histórica e aplaina o terreno para uma identidade ainda mais profunda de sentimentos e propósitos com os povos irmãos da África (...)"⁷.

"Ao fortalecer suas relações com a África, o Brasil reconcilia-se consigo mesmo, com a inestimável dimensão africana de sua formação (...) para superar de vez um passado de intolerância e de injustiça com os grupos afro-brasileiros."⁸

"O Brasil teve que enfrentar, em sua história, o legado da dependência colonial, que incluiu, em nosso caso, até quase o final do século XIX, a nódoa de um regime institucionalizado de discriminação racial, a escravidão. Esses elementos marcaram o nosso processo de desenvolvimento e criaram distorções e injustiças que até hoje nos empenhamos por superar.

Hoje, compartilhamos o desafio de encontrar formas criativas e eficazes de responder aos anseios de nossos povos, em especial das camadas mais pobres e mais vulneráveis. Para isso, estamos realizando reformas de grande alcance, voltadas para eliminar obstáculos ao desenvolvimento e para erradicar a exclusão social."⁹

"No Brasil, ainda hoje, enfrentamos o desafio de superar uma pesada herança de séculos de exclusão social. A sociedade brasileira, ao longo da história, aprendeu a valorizar a diversidade étnica e cultural como um elemento de

fortalecimento da nacionalidade, motivo de orgulho para todos os brasileiros. Aprendeu, também, que a persistência de qualquer forma de exclusão ou discriminação impede a realização mais plena daqueles valores (...). As enormes distâncias sociais que separam parcelas de nossas sociedades de modo algum devem ser encaradas como um impedimento a um projeto democrático, mas sim, ao contrário, como a razão principal desse projeto.

A indignação diante do injusto e do injustificável, força maior do progresso histórico, tem no regime democrático o seu melhor veículo de influência sobre a realidade.

As hierarquias sociais que resistem teimosamente ao passar do tempo, os privilégios antigos e também os novos, as discriminações de toda ordem, só podem ser abolidos pela ação livre e consciente da cidadania, em um ambiente de democracia e liberdade. Para isso, é necessário que o motor central das transformações seja, não o Estado, nem o mercado, mas sim as pessoas, os cidadãos, a sociedade.¹⁰

"Racismo e ignorância caminham sempre de mãos dadas. Os estereótipos e idéias preconcebidas vicejam quando está ausente a informação, quando falta o diálogo aberto, arejado, transparente.

Não há preconceito racial que resista à luz do conhecimento e do estudo objetivo. Neste, como em tantos outros assuntos, o saber é o melhor remédio. Não era por acaso que o nazi-fascismo queimava livros.

Mas não é só por isso que o tema do racismo e da discriminação racial é importante para quem se preocupa com a educação. É fundamental, também, que a elaboração dos currículos e materiais de ensino tenha em conta a diversidade de culturas e de memórias coletivas dos vários grupos étnicos que integram nossa sociedade.

É obrigação do Estado a proteção das manifestações culturais das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, bem como dos demais grupos participantes de nosso processo civilizatório. Essa obrigação deve refletir-se também na educação.¹¹

(...)

"A linguagem é uma das manifestações mais próprias de uma cultura. Longe de ser apenas um veículo de comunicação objetiva, ela dá testemunho das experiências acumuladas por um povo, de sua memória coletiva, seus valores. A linguagem não é só denotação, é também conotação. Nos meandros das palavras, das formas usuais de expressão, até mesmo nas figuras de linguagem, freqüentemente alojam-se, insidiosos, o preconceito e a atitude discriminatória. Há palavras que fazem sofrer; porque se transformaram em códigos do ódio e da intolerância."

"A sociedade brasileira tem razões de sobra para se preocupar com essas questões. Nossa formação nacional tem, como característica peculiar, a convivência e a mescla de diversas etnias e diferentes culturas. Temos, em nossa história, a ignomínia da escravidão africana, que tantas marcas deixou em nossa memória e cuja herança é visível, ainda hoje, em uma situação na qual não somente se manifestam profundas desigualdades, mas o fazem, em larga medida, segundo linhas raciais e eu próprio, como sociólogo, dediquei-me a estudar aspectos dessa herança social do regime escravocrata. Temos, ainda, em nosso passado, episódios graves de violações dos direitos das comunidades indígenas.

(...)

É indispensável que os currículos e livros escolares estejam isentos de qualquer conteúdo racista ou de intolerância. Mais do que isso. É imprescindível que reflitam, em sua plenitude, as contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e da cultura brasileira. Ignorar essas contribuições ou não dar-lhes o devido reconhecimento é também uma forma de discriminação racial. A superação do racismo ainda presente em nossa sociedade é um imperativo. É uma necessidade moral e uma tarefa política de primeira grandeza. E a educação é um dos terrenos decisivos para que sejamos vitoriosos nesse esforço."¹¹

1 - CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997, p. 277.

2 - Idem, ibidem, p. 257.

3 - Discurso do Senhor Presidente da República na cerimônia de comemoração do Sesquicentenário do nascimento de Joaquim Nabuco. Brasília, 24 de agosto de 1999.

4 - O Presidente segundo o sociólogo: entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 24.

5 - CARDOSO, Fernando Henrique e SOARES, Mário. *O Mundo em Português: um diálogo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998, p. 162 e 163

6 - Discurso do Senhor Presidente da República na criação do Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização da População Negra, Ministério da Justiça, Brasília, 1995.

7 - Discurso do Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, no almoço em homenagem ao Presidente de Moçambique, Joaquim Chissano. Brasília, 21 de junho de 2001.

8 - Discurso do Senhor Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, na III Conferência de Chefes de Estado e de Governo da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Maputo, 17 de julho de 2000.

9 - Discurso do Senhor Presidente da República no almoço oferecido ao Presidente do Zimbábue, Sr. Robert Mugabe. Brasília, 16 de setembro de 1999.

10 - Discurso do Senhor Presidente da República por ocasião da visita ao Brasil do Presidente da África do Sul, Nelson Mandela. Brasília, 21 de julho de 1998.

11 - Prefácio do Presidente Fernando Henrique Cardoso para o livro "Superando o Racismo na Escola", Brasília, Fundação Palmares, 2001.

Dignidade *Humanidade*

*A dignidade e elegância
de um grande exemplo de humanidade*

Francisco Weffort

(...)

A ligação do erudito e do popular é um traço feliz da cultura brasileira, em especial na poesia e na música. Dos poetas, por assim dizer, formados na literatura, como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Vinícius de Moraes, Carlos Pena Filho e Thiago de Mello, temos uma relevante contribuição para a música popular, enraizada numa tradição que vem de Castro Alves, Machado de Assis e Olavo Bilac. Além dos poetas formados na literatura, eu quero, porém, lembrar aqui os poetas formados no samba, onde se acham alguns dos versos mais bonitos do idioma.

(...)

Mais difícil, porém, é juntar o negro e a literatura. O samba é um fenômeno recente, que se mede por décadas, enquanto a literatura e o negro se medem com a escala dos séculos. O samba nasceu às vésperas do movimento modernista, no início do século XX, nas preliminares da urbanização e da industrialização do Brasil e dos nossos esforços, algumas vezes frustrados, de democratização¹. A literatura e o negro vêm de muito antes, dos primeiros séculos da colonização, de um Brasil do qual já se disse que era "um país sem povo", imerso na ignomínia da escravidão.

(...)

É circunstância feliz do Brasil pós anos 20, que possamos reconhecer, por exemplo, em Pixinguinha uma glória da nossa música. Façamos, porém, um esforço de memória e perceberemos que nem sempre foi tão nítida a presença do negro em nossa cultura. Nem mesmo na música, onde negros e descendentes vêm, de há séculos, dando uma contribuição essencial. Além dos amantes da música erudita, quantos sabem que mestres da música sacra de Minas Gerais, como o padre José Maurício e Lobo de Mesquita, eram descendentes de escravos? Quantos sabem que era de ascendência negra o maestro Francisco Braga, que, aliás, começou com oito anos de idade no Asilo dos Meninos Desvalidos, no Rio de Janeiro do II Reinado²?

Algo da cegueira e da violência do mundo escravocrata prejudica, até hoje, a nossa percepção e a nossa memória. Mesmo que nos desgrade admiti-lo, pesam sobre nós preconceitos que prejudicam a auto-estima dos negros e descendentes, e obscurecem o reconhecimento da nossa identidade como povo. Embora tenhamos mudado e estejamos mudando muito desde fins do século XIX e, sobretudo desde os anos 20 e 30 do século XX, a verdade é que andam por aí fantasmas de um passado ignóbil que, se não mais se manifestam com a violência terrível dos tempos da escravidão, são ainda bastante fortes para dificultar a percepção da presença dos negros e de seus descendentes na cultura.

(...)

Dizem alguns que não temos racismo no Brasil. Não temos talvez o racismo virulento de outros países, mas temos, sim, um racismo sutil e manhosso, nem por isso menos maléfico. Umas das suas manhas se acha nisso que Joel Rufino chamou de "branqueamento"³, para referir-se não à política do "embranquecimento" que houve no Império e na Primeira República como estímulo à política de imigração, mas ao mundo do imaginário, à maquilagem dos retratos de negros e mestiços, de modo a fazê-los parecer brancos. [...] Se se reconhecia talento em um negro ou em um descendente de negro, passava-se a "branquear" sua imagem. Como nos clubes de futebol que, em inícios do século XX, aspergiam pó-de-arroz em alguns dos seus craques porque o time só admitia brancos.

Do branqueamento existem vários exemplos. Juliano Moreira, durante décadas, diretor de importante instituto psiquiátrico do país, praticamente desapareceu da nossa iconografia. E por isso, hoje, muitos de nós não sabemos que ele era negro. Os que sabem algo do abolicionismo, sabem também que André Rebouças era negro. Ainda assim, a imagem que dele ficou para o público em geral foi "branqueada" pela perda da memória histórica. Dos milhões de brasileiros que passam pela Avenida Rebouças, em São Paulo, e pelo Túnel Rebouças, no Rio, quantos sabem que foi

negro o homem que lhes deu o nome? Quantos sabem que era negro o engenheiro Theodoro Sampaio, que dá nome à principal rua de Pinheiros, um dos mais conhecidos bairros de São Paulo?

O caso mais notável está no campo da literatura. É o de Machado de Assis, cujo necrológio, escrito por José Veríssimo, abriu uma polêmica com Joaquim Nabuco. Disse Veríssimo de Machado: este "mulato foi, na realidade, um grego dos tempos de ouro". Era um elogio, mas Nabuco retrucou: "Machado, para mim, era um branco, e creio que como tal ele se julgava"⁴. E, contudo, poderia haver maior motivo de orgulho para os negros e seus descendentes do que dizer, reconhecendo a ascendência negra de Machado, que ele foi tão grande que era - e ainda é - considerado o maior escritor brasileiro? Poderia haver maior motivo de orgulho para os brasileiros conscientes da sua identidade como povo mestiço? Quantos escritores da estatura de Machado existem no mundo?

(...)

Se os grandes foram vítimas do branqueamento, que dizer dos pequenos? O branqueamento revela, ainda hoje, uma dificuldade da cultura brasileira em aceitar que negros e seus descendentes possam ser competentes, brilhantes, em atividades que se acreditou, durante muito tempo, estivessem reservadas aos brancos. E deste modo, empana os horizontes generosos de uma cultura que todos queremos democrática, aberta. Trata-se de uma expropriação imaginária das glórias dos negros, apagando, especialmente para os mais pobres, o exemplo de líderes que poderiam sugerir-lhes outros caminhos além da humilhação cotidiana. Nos brasileiros em geral, ajuda a manter a ilusão de uma sociedade branca, que não somos e nunca fomos.

Do fascínio pela brancura dão exemplo, na literatura do século XIX, *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, e *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. É certo que estes dois notáveis escritores eram contra a escravidão, e Guimarães, em outro de seus livros, tem a oportunidade feliz de afirmar que "No Brasil, ninguém pode gabar-se de que entre seus avós não haja quem não tenha puxado flecha ou tocado marimba"⁵. Como entender, então, que a escrava e o mulato daqueles livros de êxito sejam apresentados como brancos? Seria apenas uma questão de preferência estética? Em uma sociedade que contava, mais ainda do que hoje, com maioria de negros, mulatos e cafuzos, uma preferência estética que chega ao ponto de branquear o negro e o descendente de negro é apenas um outro nome para o preconceito, que dominava a época e se impunha mesmo aos melhores dentre seus escritores.

Nossas confusões em torno da questão do negro estão na base das nossas confusões sobre a nossa própria identidade como povo. Nossas misturas raciais foram invocadas, por muito tempo, como motivo de pessimismo em relação ao país. Uma visão positiva do Brasil como sociedade mestiça só começou a conquistar os intelectuais nas primeiras décadas do século XX (...). O reconhecimento do Brasil como país pluri-racial, com um vigoroso processo de miscigenação, só começou nos anos 20, com o movimento modernista, em especial com o grande talento de Mário de Andrade, ele próprio um mestiço, e, pouco depois, com Gilberto Freyre.

Com Mário e Gilberto, começávamos a perceber que estávamos nos tornando uma sociedade não apenas racialmente miscigenada, mas também culturalmente mestiça. Uma sociedade onde a matriz negra é fundamental. Descobrímos também o sentido nacional do barroco que, como observa Fernando Henrique Cardoso, "fez ver que a nação híbrida que se gestava nos trópicos já era suficientemente madura para produzir soluções autóctones, para dialogar com diferentes matrizes estéticas." Criação de negros e mestiços geniais, como o Aleijadinho e o Mestre Valentim, o barroco "antecipou no plano artístico a maioridade do Brasil"⁶.

(...)

Talvez por isso alguns acham que não temos um racismo no país. É que, apesar do fascínio da brancura, nunca tiveram maior verossimilhança no Brasil as estúpidas crenças que sustentam o racismo em outros países, da existência de uma raça branca pura e superior. Nem no povo nem na elite, nunca tivemos como sustentar tais crenças. Somos desde sempre plurais e misturados, e por isso os que chicotearam o negro ou execraram o mestiço também ofendiam a si próprios. Seu racismo não tinha como ir muito longe. Mesmo nos momentos de maior paixão pela brancura, sempre houve quem se lembrasse das flechas e das marimbas dos nossos avós. Ou como dizia o intelectual abolicionista negro Luís Gama, retrucando aos que o insultavam como "bode": "Aqui, nesta boa terra, marram todos, tudo berra".

Quatrocentos anos de escravidão reservaram ao negro um tratamento tão terrível na realidade quanto confuso no plano do imaginário. Somos, por isso, herdeiros de amargos paradoxos. A música barroca do século XVIII e início do XIX é, em grande parte, obra de negros, mas é também, e não poderia deixar de sê-lo, de fatura musical européia, isto é, branca. Carlos Gomes era mestiço, neto de uma ex-escrava, mas *O Guarani* é uma bela obra de idealização do índio.

É certo que Carlos Gomes também escreveu música inspirada nos negros, mas este é o lado menos conhecido de sua obra. Mesmo uma ópera como *O Escravo*, de intenção abolicionista, foi inspirada nos índios e só por exceção apresentada por negros. Assim como Machado de Assis, Carlos Gomes chegou a nós branqueado, em sua imagem como em sua obra. Algo impele nossa cultura a esconder a matriz negra que está em seus fundamentos.

(...)

Um quadro de ausências e paradoxos que (na literatura) só começo a mudar no século XX, com Macunaíma, de Mário de Andrade, Moleque Ricardo, de José Lins do Rêgo, Tambores de São Luís, de Josué Montello, Saraminda, de José Sarney, e alguns poemas de Jorge de Lima e de Ascenso Ferreira. É pequena a lista na qual, porém, há que reservar lugar de destaque para muitas das obras de Jorge Amado. De conjunto, porém, fica a impressão de que, ao longo dos séculos, tivemos mais escritores negros, ou descendentes de negros, do que personagens negros e descendentes de negros.

Nabuco dizia que não bastava "acabar com a escravidão", que era "preciso destruir a obra da escravidão". Acabamos com a escravidão em fins do século XIX, mas sua "obra" persistiu durante muito tempo e dela persistem, ainda hoje, fortes resíduos. Na segunda metade do século XX, um fenômeno tipicamente moderno como a dramaturgia da TV dá a perceber preconceitos tão ou mais poderosos do que os do romance século XIX. A Escrava Isaura deu origem, nos anos 70, a uma telenovela de sucesso nacional e internacional, permanecendo Isaura tão alva como quando nasceu. Há também casos em que a TV produz o branqueamento de personagens famosos, como a Tiêta, de Jorge Amado: mestiça no livro, branca na TV. Do mesmo Jorge, Gabriela tornou-se quase branca na TV⁸ (...). Em 510 novelas estudadas por Joel Zito Araújo, cobrindo o período 1963-1997, o negro aparece como protagonista em apenas duas. Famílias negras aparecem em apenas quatro.

(...)

Nas artes plásticas, o quadro é o mesmo, uma lenta e difícil evolução. A genialidade do Aleijadinho e do Mestre Valentim tomou mais de século para ser reconhecida. E os exemplos de viajantes como Debret e Rugendas que, em seu tempo, retrataram os negros como parte central da paisagem humana do país, encontraram poucos seguidores até os anos 20. Só a partir de então se faz sentir a presença do negro como modelo, em trabalhos de Portinari, Lazar Segall, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral. Uma tendência que, sob formas diversas, cresceu com Carybé, Mário Cravo, Mestre Didi, Bandeira, Rubem Valentim, Emanuel Araújo e tantos outros.

(...)

Não se subestime a inscrição, em 1996, do nome de Zumbi, junto ao de Tiradentes, no Livro dos Heróis da Pátria. É o início de um reconhecimento que já não pode ficar restrito aos historiadores, mas que há de estender-se a todo o povo. Zumbi é o nosso maior herói negro, não, porém, o único. Nem é Palmares o nosso único quilombo. Como explicar as centenas de remanescentes dos quilombos de que temos registro no país, se ignorarmos as lutas dos negros para criá-los?

Eis o maior perigo do branqueamento: limita o papel do negro na história à condição de força de trabalho, ignora suas lutas e seu papel na cultura. Branqueando as imagens dos negros, branqueamos também a história do país. Esquecemo-nos, às vezes, de que antes da Lei Áurea, já houvera a libertação dos escravos no Amazonas, no Rio Grande do Norte e no Ceará, como resultado das lutas de brancos e negros, entre as quais a "greve dos jangadeiros" de 1880, em Fortaleza⁹ (...). Maiores ou menores, os espaços de liberdade conquistados pelos negros custaram-lhes séculos de sofrimento e luta. Luta que ainda hoje continua.

(...)

Finalmente, uma palavra sobre o samba. E uma vez mais, há que bendizer os poetas. Como Cartola, quando diz: "Habitada por gente simples e tão pobre, que só tem o sol que a todos cobre, como podes Mangueira cantar?" Como podem os do morro fazer com que cantem os do asfalto? Como podem fazer com que cantem, além dos pobres e dos simples, também os que não são tão pobres nem tão simples? Eis uma indagação que se projeta, para além da Mangueira e para além do samba, sobre séculos da nossa história. Diz o samba: "Pergunte ao Criador quem pintou esta aquarela, livre da senzala e do açoite do feitor, preso na miséria da favela". Como puderam os negros, ao longo de séculos de tanto sofrimento, construir uma cultura tão poderosa e da qual somos todos herdeiros? Como pôde uma história como a nossa - tão dura e, por tanto tempo, tão brutal -, construir uma cultura tão rica?

(...)

A maior beleza das Escolas (de Samba) creio é a alegria e o orgulho de serem o que são. Alegria e orgulho que se

expressam nas cores que adotam e no toque das baterias. Nas Escolas, o tambor ancestral chega a uma extrema sofisticação que se percebe no momento decisivo em que a bateria toma posição no recuo da Avenida. É como um movimento militar que, contudo, não se faz marchando, mas sambando, cada bateria com seu estilo e sua batida. "Todo mundo te conhece ao longe, pelo som dos teus tamborins e o rufar do teu tambor". Pela complexa e disciplinada manobra da bateria entrando na Avenida o povo identifica a sua Escola, antes mesmo que possa vê-la.

Ninguém se surpreenda, portanto, se ao cantá-la, o poeta invocar os céus, os santos e os orixás. Se invocar a "graça divina". Se discorrer sobre os grandes temas da história, do Brasil e do mundo. Se cantar, por exemplo, o nome de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, e os grandes heróis da Pátria. Ninguém se surprenda se o poeta vir nas cores da sua Escola o manto azul da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, abrindo a "procissão do samba", a "festa do divino Carnaval".

É assim que as Escolas afirmam as suas raízes e a sua identidade. E quando o fazem, afirmam também as raízes e a identidade do Brasil. A nossa negritude e a nossa mestiçagem, a nossa mulatice e a nossa brancura, a nossa riqueza cultural e os nossos dramas sociais, as nossas lutas como povo em formação. Vindo do povo mais humilde do Brasil, as Escolas afirmam a vocação dos brasileiros, de todos os brasileiros, para a grandeza. E o fazem com a dignidade e a elegância de quem oferece ao mundo um belo exemplo de humanidade.

1 - Cabral, Sérgio, "Música brasileira é coisa de negro", in Araújo, Emanuel, A Mão Afro-Brasileira, Tenenre, São Paulo, 1988, p. 321. Ver também "Negro Brasileiro Negro", Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 25, IPHAN, Ministério da Cultura, Rio de Janeiro, 1997, e Vianna, Hermano, O Mistério do Samba, Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1999.

2 - Cf. Araújo, Emanuel, A Mão Afro-Brasileira.

3 - Rufino, Joel, in Araújo, Emanuel, A Mão Afro-Brasileira, "Prefácio", p. 7.

4 - Stegagno-Picchio, Luciana, História da literatura brasileira, Ed. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1997, p. 276.

5 - Bosi, Alfredo, História Concisa da Literatura Brasileira, Editora Cultrix, São Paulo, 1994.

6 - Cardoso, Fernanda Henrique, "Apresentação", Brésil Baroque, entre ciel et terre, catálogo editado pela União Latina, de exposição realizada no Petit Palais, Musée des Beaux-Arts de la Ville de Paris, em 1999, p. 27.

7 - Gonçalves, Magaly Trindade et alii, Antologia da Poesia Brasileira, Musa Editora, São Paulo, 1995, p. 203.

8 - Araújo, Joel Zito, A Negação do Brasil O Negro na Telenovela Brasileira, São Paulo, 2000, Editora Senac. Ver também o documentário realizado pelo Autor, sob o mesmo título.

9 - Agradeço estas informações a Almino Afonso e a Prefeita de Mossoró, Rosalba Ciarlini Rosado.

Homenageados

Homenageados

"Para homenagear a herança da cultura negra no Brasil com a Ordem do Mérito Cultural de 2001, foram escolhidas quatro escolas de samba do Rio de Janeiro, verdadeiros báhuartes da tradição negra em nossa sociedade: Império Serrano, Portela, Vila Isabel e Mangueira. Pela primeira vez instituições representativas da cultura popular recebem esta condecoração."

Império Serrano

Império Serrano



No princípio, era uma escola de samba pequena chamada Prazer da Serrinha. Em 1947, alguns dos seus jovens sambistas, entre eles, Mano Décio da Viola, Silas de Oliveira e Sebastião Molequinho, decidiram criar uma dissidência que partiu para a criação da Império Serrano. A nova escola não esperou o tempo passar para fazer sucesso: foi campeã no seu primeiro desfile, em 1948, e venceu também os desfiles de 1949, 1950 e 1951.

A Império Serrano nasceu no bairro de Vaz Lobo, no Morro da Serrinha, mas atualmente está instalada em Madureira, onde ensaiava numa das melhores quadras da cidade. Seus fundadores eram quase todos trabalhadores do porto do Rio de Janeiro. O êxito da escola é atribuído à revolução que promoveu na estrutura do desfile (foi, por exemplo, a primeira a desfilar com o mestre-sala e a porta-bandeira no meio da escola) e à excelente qualidade dos seus sambas. Afinal, trata-se da escola de Silas de Oliveira, considerado o melhor autor de sambas-enredos de todos os tempos e de Dona Ivone Lara, a primeira mulher a destacar-se como compositora de escola de samba.

Sérgio Cabral

Dona Ivone Lara



Foto: André Corrêa / Agência O GLOBO

Portela

Portela



A Portela e a Estação Primeira de Mangueira são as únicas escolas de samba fundadas ainda na década de 1920 e que se encontram em atividade. Chamada inicialmente de Vai Como Pode, a Portela teve entre seus fundadores um personagem que pode ser considerado como um dos mais expressivos líderes populares do Rio de Janeiro, Paulo Benjamim de Oliveira, o imortal Paulo da Portela, cujo centenário de nascimento ocorreu no dia 18 de junho de 2001.

Vencendo o desfile pela primeira vez em 1935, a Portela chegou ao fim do século como a escola de samba com o maior número de títulos de campeã, sendo a responsável por proezas como a de ganhar todos os desfiles de 1941 a 1947. Também famosa pela quantidade imensa de grandes compositores, foi a primeira escola a formar um conjunto da Velha Guarda, que se encarrega de espalhar seus sambas de todas as épocas. A criação do conjunto deveu-se à iniciativa de um dos mais ilustres compositores da Portela, Paulinho da Viola.

Sérgio Cabral



Eliane Faria

Vila Isabel

Vila Isabel



Um grupo de sambistas afastou-se do bloco carnavalesco Vermelho e Branco, de Vila Isabel, reuniu-se num time de futebol com as cores azul e branco, transformou o time de futebol em bloco carnavalesco e, no dia 4 de abril de 1946, um dos seus integrantes,

Antônio Fernandes da Silveira, o China, registrou o bloco como escola da União Geral das Escolas de Samba. Estava fundada a Unidos de Vila Isabel.

Foi por um bom tempo uma escola pequena, desfilando no segundo grupo (chegou a ser promovida para o primeiro, em 1957, mas foi novamente rebaixada). A partir de 1966, porém, de volta ao desfile principal, ganhou a condição de grande escola. Um dos principais motivos de tal crescimento, sem dúvida, foi a chegada do compositor Martinho José Ferreira, morador do Morro da Cachoeirinha, que logo passou a ser conhecido como Martinho da Vila. Seus sambas e seu espírito de liderança fizeram uma verdadeira revolução na Unidos de Vila Isabel.

Sérgio Cabral



Foto: Gustavo Sippel / Agência O Globo

Martinho da Vila

Mangueira

Mangueira



Campeã dos três primeiros desfiles de escolas de samba (1932, 33 e 34), foi fundada por uma das maiores figuras da nossa música popular, o compositor Cartola. Foi ele também o responsável pela escolha do nome Estação Primeira e do Verde e do Rosa para as suas cores. Graças à sua escola, o Morro de Mangueira tornou-se de tal maneira famoso que não há, em todo o Brasil, uma região que tenha servido de tema para tantos sambas feitos por compositores não moradores do local. Ou seja: ao mesmo tempo em que faz música, a Mangueira inspira os criadores musicais.

Vale a pena destacar a participação do cantor Jamelão, dono da mais bela, da mais potente e da mais querida entre todas as vozes que cantam sambas nos desfiles das escolas. Nem a aproximação dos 90 anos de idade (ele é de 1913) alterou o vigor com que canta o samba da Estação Primeira.

Sérgio Cabral

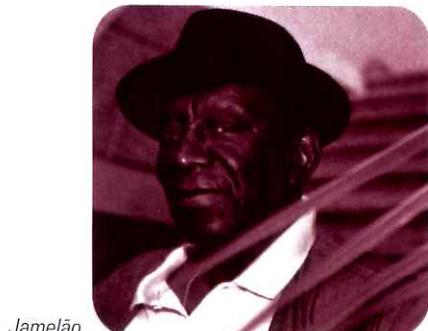


Foto: Maria Correia / Agência O Globo

Jamelão

Sobre a Matriz Negra da Cultura Brasileira

Ordem do Mérito Cultural - 7 de novembro de 2001
Francisco Correa Weffort, Ministro de Estado da Cultura



Minha primeira palavra é de saudação aos Agraciados com a Ordem do Mérito Cultural, que recebem hoje um reconhecimento de Estado pelos esforços que vêm desenvolvendo pela cultura brasileira. Além dos artistas, escritores, empresários, produtores e líderes culturais aqui presentes, a Ordem do Mérito Cultural homenageará, também, algumas instituições populares. Refiro-me às Escolas de Samba. Gostaríamos de homenagear todas, mas como são muitas, escolhemos algumas que as representem: a Mangueira, a Portela, a Império Serrano e a Vila Isabel. Este é um ano de nomes importantes da literatura, entre os quais os de Silvio Romero, no seu sesquicentenário, assim como os centenários de Cecília Meireles, José Lins do Rego, Alcântara Machado e Murilo Mendes. Quero lembrar ainda, na música popular, os centenários de Clementina de Jesus, de Paulo Benjamin de Oliveira - o grande Paulo da Portela -, e Carlos Moreira de Castro - o famoso Carlos Cachaça, da Mangueira.

1 - Na literatura como no samba, nosso objetivo com a Ordem do Mérito Cultural deste ano é o de colocar alguma luz sobre a cultura negra como uma das matrizes fundamentais da nossa cultura. Mestiça - e, além disso, antropofágica, como diriam os modernistas -, a cultura brasileira tem uma tal força que é capaz de chegar à mais extrema sofisticação sem perder as raízes. Mas sabemos que é, também, uma cultura mestiça mais preparada para reconhecer a nossa brancura do que a nossa negritude. As ilusões com a nossa brancura e, mais ainda, com a alheia foram quase tão duradouras quanto as feridas que ficaram de quatrocentos anos de escravidão. Colocar luz sobre a matriz negra de nossa cultura é um modo de combatermos o preconceito e o racismo, e de ganharmos maior clareza sobre a nossa identidade como Nação.

Homenageando as Senhoras e os Senhores Agraciados, que todos merecem o nosso respeito e admiração, peço licença para destacar três nomes. Em primeiro lugar, Dona Ivone Lara. "Sonho meu, sonho meu, vai buscar quem mora longe, sonho meu". Quero, também, mencionar um nome emblemático da Mangueira, Dona Zica. Dona Ivone e Dona Zica, nos seus 80 anos de idade, dão a todos nós lições de capacidade de trabalho, de amor e de esperança. Quero mencionar, também, o grande Jamelão, 88 anos, a idade do samba. "Devias vir para ver os meus olhos tristonhos e quem sabe sonhavas os meus sonhos, por fim". Imaginem na voz de Jamelão, este verso de Cartola, com arranjos de Chiquinho Moraes e o apoio da Orquestra Sinfônica de Brasília, sob a regência de Silvio Barbato, e vocês terão um exemplo disso que eu chamo de sofisticação cultural mestiça.

Se lembrar a cultura negra é importante em qualquer momento, mais ainda o é neste mês de novembro. Teremos, hoje e amanhã, no Teatro Nacional, o espetáculo "Clássicos do Samba", com Jamelão, Dona Ivone, Martinho da Vila e Eliane Faria, mais as Velhas Guardas da Mangueira e da Portela, e a Orquestra Sinfônica de Brasília. No próximo dia 20, Dia de Zumbi, teremos, aqui no Palácio do Planalto, uma exposição de Emanoel Araújo, com o título "Para Nunca Esquecer - Negras Memórias, Memórias de Negros". São alguns entre muitos exemplos de iniciativas que buscam tornar realidade a Semana da Consciência Negra, criada por decisão do Congresso Nacional e recém-sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso.

2 - Como diz Emanoel Araújo, a cultura negra não é apenas festa, mas também a memória de imensos sofrimentos humanos. Minha indagação, para quem queira um tema de reflexão neste Dia da Cultura, é a seguinte: como de tanto sofrimento pôde surgir tanta luz, tanta beleza? Não tendo, infelizmente, o tempo necessário para desenvolver aqui um tema tão complexo, fico apenas em algumas considerações preliminares. Até porque o Professor Fernando Henrique Cardoso, além de Presidente da República, é um dos mais importantes pesquisadores sobre o tema da escravidão e das relações raciais no país e deverá nos trazer sua contribuição no seu discurso de encerramento.

Minha primeira consideração é sobre o negro na história e na política. E é inspirada por Joel Rufino que nos diz que uma das sutilezas do racismo à brasileira é o "branqueamento", ou seja, a maquilagem dos retratos dos negros e descendentes de êxito para fazê-los parecer brancos. Dois exemplos, entre muitos: Machado de Assis, nosso maior escritor, e Carlos Gomes, um dos grandes nomes da nossa música erudita. O "branqueamento" das imagens abre caminho para algo mais sutil e mais perigoso, o "branqueamento" das memórias, das consciências. Diminuído seu papel nas lutas sociais e na cultura, fica restrito o papel do negro na história à condição de força de trabalho que foi, de modo predominante, mas nunca de modo exclusivo.

Maiores ou menores, os espaços de liberdade conquistados pelos negros na história brasileira custaram-lhes séculos de sofrimento e luta. Zumbi é o nosso maior herói negro, não, porém, o único. Nem é Palmares o nosso único quilombo. Como explicar as centenas de quilombos ainda hoje existentes no país, sem as lutas dos negros para criá-los? No empenho de manter viva a memória, junto alguns fatos políticos de épocas mais recentes. Já nos anos 30, Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá, conseguiu que Getúlio Vargas abolisse leis que consideravam crime o Candomblé. Mas foi só em 1976 que o governo da Bahia derrogou dispositivos que exigiam permissão da polícia para a prática do culto. É certo que, já em 1951, tivemos a Lei Afonso Arinos contra a discriminação racial. Mas foi só em 1988 que conseguimos aprovar o princípio constitucional, segundo o qual as terras dos quilombos pertencem a seus descendentes. É do mesmo momento a Lei Caó, contra o racismo, e a criação da Fundação Cultural Palmares.

De 1995 para cá, retomamos impulso, desde que foi criado, pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso, o Grupo para a Valorização da População Negra. Regulamentada a lei dos quilombolas em 1999, a Fundação Cultural Palmares já outorgou títulos de posse a algumas comunidades, iniciando o resgate de um significado fundamental de nossa história. Vamos caminhando, lentamente, mas vamos caminhando. Não se subestime, portanto, a inscrição, em 1996, do nome de Zumbi junto ao de Tiradentes no Livro dos Heróis da Pátria. O reconhecimento de Zumbi é o início do reconhecimento nacional das lutas dos negros e descendentes, um reconhecimento que já não pode ficar restrito aos historiadores, mas que há de estender-se a todo o povo. A propósito, como estamos às vésperas da Semana da Consciência Negra, não posso omitir, do início do século XX, João Cândido, "o marinheiro negro", do qual diz o samba que "tem por monumento as pedras pisadas do cais".

Estas rápidas anotações sobre a história têm apenas um objetivo. Lembrar uma obviedade que, contudo, é, às vezes, esquecida. A luta dos negros e descendentes, pelo pleno reconhecimento de sua dignidade como seres humanos, vem de há muito tempo e promete continuar.

3 - Minha segunda observação é sobre o negro na história da literatura. Diz Antônio Cândido que, no século XIX, o negro foi visto quase sempre como "problema social", raramente como ser humano. Por exemplo, em romance famoso, Bernardo Guimarães branqueou a escrava Isaura, porque, à época, não se admitia ver em uma negra um ser humano. Apenas um exemplo entre outros possíveis, mas que estabelece uma triste continuidade histórica. Na telenovela que todos conhecemos, ainda mais famosa, Isaura permanece tão branca como quando nasceu. Não me surpreende que a TV tivesse que manter a escrava branca como no romance. O que me surpreende é a naturalidade com que a brancura da escrava foi recebida.

É certo que não foi sempre assim. O próprio Bernardo Guimarães encarou a verdade quando disse, certa vez, com bom humor, que sempre houve, entre nossos avós, quem tenha puxado flecha ou tocado marimba. Sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX, houve, também, momentos em que o negro foi tratado como ser humano, em obras de Jorge Amado, de Mário de Andrade, Gilberto Freyre, José Lins do Rego e, mais recentemente, de Josué Montello, José Sarney e outros. Entre muitos, quero apresentar dois exemplos de Jorge de Lima.

O primeiro exemplo é da Negra Fulô. E sei que me arrisco a ser mal compreendido, porque muitos ainda lêem este poema com olhar racista e machista. Outros dizem que o racismo e o machismo não estão no olhar, mas no próprio poema. Contrário a uns e outros, eu lembro, porém, que a Fulô não foi branqueada, como a Isaura, nem é a mulatinha espevitada de tantas histórias preconceituosas. Fulô é negra e linda. E quem nos diz isso é a sinhá, morta de ciúmes. É pelos olhos enciumados de uma outra mulher que nós vemos a beleza da Fulô, a perigosa e íntima inimiga que lhe roubou o coração do sinhô. Ao contrário dos que vêem Fulô pelo prisma do racismo e do machismo, eu a vejo como emblema das mulheres. De todas as mulheres que, em sua suposta fragilidade, são capazes de conquistar homens que, em sua tolice, se imaginam seus senhores. Fulô é uma das mulheres mais encantadoras da nossa literatura, só comparável a Capitu, com seus olhos de ressaca, ou a Gabriela, com sua malícia e seus temperos.

Mas, se na memória dos negros nem tudo é festa, também na poesia nem tudo é amor e ciúme. De Jorge de Lima temos, também, versos políticos. Alguns falam do negro, mas convocam a todos nós. Como estes, por exemplo, do poema "Olá Negro!":

"Os netos de teus mulatos e de teus cafuzos
e a quarta e a quinta gerações de teu sangue sofredor
tentarão apagar a tua cor!

E as gerações dessas gerações quando apagarem
a tua tatuagem execranda,
não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!"

Benditos os poetas porque tocam na essência das coisas! "Não apagarão de suas almas, a tua alma, negro!" Nabuco dizia que uma coisa era acabar com a escravidão, outra destruir a "obra da escravidão", suas desigualdades, preconceitos e injustiças. Se quisermos destruir a "obra da escravidão", precisamos apagar a "tatuagem execranda". Esta, porém, não está na cor da pele, mas nas feridas que herdamos das ignomírias desse passado. Jorge de Lima quer despertar a alma do negro nos mulatos e nos cafuzos. Queremos isso e queremos mais: despertar a alma do negro em cada um de nós. Também nos brancos. E até mesmo - quem sabe? - em muitos negros.

Apesar da "obra da escravidão", algo ficou do que disseram os escritores e poetas que, desde Castro Alves, foram capazes de ver no homem negro, e na mulher negra, o ser humano. Nomes do passado, aos quais há que juntar, mais recentes, os de poetas e escritores negros como Solano Trindade, Eduardo de Oliveira, Carolina Maria de Jesus, Oswaldo de Camargo, Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Carlos Moura, Dulce Pereira, Marilene Felinto, Adão Ventura, Emanoel Araújo e Nei Lopes, entre outros. Por causa deles, hoje podemos ver melhor.

4 - Minha terceira e última consideração é sobre o negro no samba. É uma vez mais, há que bendizer os poetas. Cartola diz: "Habitada por gente simples e tão pobre, que só tem o sol que a todos cobre, como podes Mangueira cantar?" A indagação vai além da Mangueira. Como podem os do morro fazer com que cantem os do asfalto? Amplie-se a indagação. Como puderam os negros, ao longo de séculos de tanto sofrimento, construir uma cultura poderosa, da qual somos todos herdeiros? Amplie-se a indagação para o país. Como uma história como a nossa - tão dura e, por tanto tempo, tão brutal -, pôde construir uma cultura tão rica?

É nisso que temos muito a aprender com as Escolas. A começar pelo senso de disciplina e de organização que as leva a realizar, no Rio de Janeiro, o maior espetáculo de arte popular do mundo. Além da disciplina e da organização, a maior beleza das Escolas - creio - é a alegria e o orgulho de serem o que são. Alegria e orgulho que expressam nas cores que adotam e no toque das baterias que elevam o tambor ancestral a uma extrema sofisticação. Os que vierem a ver um desfile das Escolas de Samba no Rio, prestem atenção no momento em que as baterias tomam posição no recuo da Avenida. Pelo rufar dos tambores e o som dos tamborins, o povo identifica a Escola, antes mesmo que possa vê-la.

Ninguém se surpreenda, portanto, se ao cantar sua Escola, o poeta invocar os céus, os santos e os orixás. Se invocar a "graça divina". Se disser de sua Escola que "vista assim do alto mais parece um céu no chão". Se discorrer sobre os grandes temas da história, se cantar o nome de Joaquim José da Silva Xavier, e os grandes heróis da Pátria. Ninguém se surpreenda, se o poeta disser que as cores da sua Escola são como o manto azul de Nossa Senhora Aparecida, abrindo a "procissão do samba". Aliás, deve haver uma boa razão para o fato de que a Padroeira do Brasil tenha a imagem de uma Nossa Senhora negra.

As Escolas afirmam as suas raízes e a sua identidade, e ao fazê-lo, afirmam, também, as raízes e a identidade do Brasil. A nossa negritude e a nossa mestiçagem, a nossa mulatice e a nossa brancura, a nossa riqueza cultural e os nossos dramas sociais, as nossas lutas como povo em formação. Nascidas do povo mais humilde do Brasil, as Escolas afirmam a vocação dos brasileiros, de todos os brasileiros, para a grandeza. E o fazem com a dignidade e a elegância de quem oferece ao mundo um belo exemplo de humanidade.

Agraciados

Agraciados



Ustedes
nos

01

Arthur Moreira Lima - Pianista, considerado extraordinário intérprete do grande repertório romântico, projetou-se internacionalmente no "Concurso Chopin de Varsóvia", tendo sido laureado, também, em outros eventos importantes. Em seu trabalho de resgate e difusão das raízes culturais brasileiras, foi solista da primeira audição, no exterior, do "Concerto nº 1", de Villa-Lobos, e fez reviver a obra de Ernesto Nazareth. Seu repertório inclui, ainda, Radamés Gnattali e compositores estrangeiros como Bach, Chopin, Beethoven e muitos outros.

Catherine Tasca - Licenciada em direito, graduou-se na Escola Nacional de Administração. Foi diretora da Casa da Cultura de Grenoble, presidente do Conselho de Administração do Canal + Horizons e presidente do grupo de peritos em ajuda às companhias de arte dramática da região de Ile de France. Foi nomeada, em 1986, para a Comissão Nacional da Comunicação e das Liberdades e eleita deputada, em 1997, quando presidiu a Comissão das Leis na Assembléia Nacional. Atualmente, é Ministra da Cultura e da Comunicação da França.

Célia Procópio de Araújo Carvalho - Nascida na capital paulista, estudou na Inglaterra, na Paddock Woods Finishing School, e na França, na École Supérieur des Langues. Domina os idiomas francês, inglês, espanhol, alemão e italiano. Desde 1992, é presidente do Conselho de Curadores da Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. Dentre muitas honrarias, já foi condecorada como Comendador da Ordem do Rio Branco e como Chevalier dans l'Ordre des Arts et des Lettres, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação da França.

Euclides Menezes Ferreira - Pai Euclides é o babalorixá da Tenda São Jorge de Oeiras da Nação Fanti-Ashanti, no Maranhão. Por meio de cursos e seminários sobre cultos afro-brasileiros, publicação de livros e produção de discos sobre o candomblé maranhense, realiza um permanente trabalho de conscientização da comunidade negra e afro-religiosa. A Casa Fanti-Ashanti foi objeto do filme "Na Rota dos Orixás" e do CD "Brincando no Arraial III". Em 1999, foi agraciado pelo governo do estado do Maranhão com a medalha de Honra ao Mérito da Ordem dos Timbiras.

Euzébia Silva de Oliveira - Grande dama da Estação Primeira da Mangueira, Dona Zica foi casada com o compositor Cartola, com quem abriu o famoso Zi-Cartola, a primeira casa de samba do Brasil, precursora do movimento cultural que desenvolveu este ritmo. Mesmo depois de viúva, continua sua luta pela Mangueira. Em reconhecimento aos trabalhos sociais desenvolvidos na comunidade e à sua dedicação para com a escola, tem recebido diversos prêmios e homenagens. Dentre eles, o "Prêmio Aplauso" e o "Estandarte de Ouro".

Fernando Faro - Jornalista, crítico, colunista, produtor de discos e editor, produtor e apresentador de programas de rádio e televisão. Nasceu em Aracaju, Sergipe, mas começou sua vida profissional em São Paulo. Dirigiu espetáculos de expressivos representantes da MPB, assim como programas da Rádio Cultura e da TV Tupi, entre outras. Foi diretor Artístico do Memorial da América Latina, em 1989. Atualmente, além de supervisionar outros importantes projetos na TV Cultura, é diretor dos programas "Ensaio" e "Provocações".

Haroldo Costa - Ator, escritor, pesquisador da MPB, diretor e produtor cultural. Foi um dos artistas negros pioneiros no teatro e na televisão brasileira. É fundador do Brasiliiana, primeiro grupo de danças folclóricas e populares a apresentar-se no exterior. Dirigiu o filme "Pista de Gramado", programas da Rádio MEC e das televisões Tupi, Continental, Excelsior, Globo e Manchete. Escreveu os livros: "É hoje", "Fala Crioulo", "Salgueiro Academia de Samba", "100 Anos de Carnaval no Rio de Janeiro" e "Na Cadência do Samba".

Hermínia Bello de Carvalho - Produtor musical, compositor e poeta, é considerado mestre do samba. Sua primeira composição foi "Mudando de conversa", sendo o produtor de mais de 100 discos e diversos shows, entre eles, "Rosa de ouro" e "Feira da Música Popular". Teve como parceiros, Cartola, Jacob do Bandolim, Chico Buarque e Paulinho da Viola, com quem compôs "Sei lá, Mangueira". Durante 13 anos trabalhou na Fundação Nacional de Arte-Funarte, como diretor adjunto da Divisão de Música Popular Brasileira, cargo que deixou em 1989.

Henry Philippe Reichstul - Economista, formado pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, com estudos de pós-graduação no Hertford College da Universidade de Oxford. Atuou na Organização Mundial do Café, em Londres, e no Jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo. De 1986 a 1987, foi presidente do Instituto de Planejamento Econômico e Social - IPEA. Desde 1999, é presidente da Petrobras. Na sua gestão, a empresa intensificou seu programa de apoio e contribuição à cultura brasileira e ao cinema nacional.

Hildmar Diniz - Cantor e compositor, mais conhecido como Monarco da Portela, é um dos nomes mais respeitados do samba carioca. Nascido no subúrbio do Rio de Janeiro, iniciou seus contatos com os sambistas da Portela, participando de blocos e compondo músicas. Em 1950, passou a ser integrante da ala dos compositores da escola de samba e, hoje em dia, compõe a Velha Guarda. Sua revelação como intérprete se deu quando lançou seu primeiro disco solo, em 1976, com músicas como "O Quitandeiro", com Paulo da Portela, e "Lenço", com Francisco Santana.

Ivo Abrahão Nesralla - Doutor em Medicina e professor titular de cirurgia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é reconhecido pela excelência dos serviços prestados à comunidade, notadamente na área de transplantes. Em 1983, foi convidado para presidir a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, posição que exerceu por oito anos. Atendendo a convite da Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, assumiu, em 1998, a presidência da II Bienal. Em 2000, foi reconduzido no mesmo cargo, sendo, agora, para a III Bienal de Artes Visuais do Mercosul.

João Câmara Filho - Artista plástico paraibano, nascido na capital João Pessoa. Em 1960, ingressou no curso livre de pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. É licenciado em Psicologia Aplicada pela Universidade Católica/PE. Realizou exposições no MAC-SP, na Galeria de Arte do BrasilSP, entre outras no Brasil. No exterior, seus trabalhos estiveram expostos na América do Norte e na Europa. É membro do Conselho Nacional de Política Cultural e da Associação Brasileira dos Críticos de Arte. Recebeu diversos prêmios.

José Bispo Clementino dos Santos - Cantor dos sambas-enredo da Estação Primeira de Mangueira, desde a década de 50, é conhecido pelo pseudônimo Jamelão. Um dos primeiros integrantes da escola de samba, é componente da Velha Guarda da Mangueira. É considerado o maior intérprete das escolas de samba do Rio de Janeiro, mestre dos mestres da Marquês de Sapucaí e a voz da Estação Primeira. Seu talento vocal está presente, também, em outros gêneros, como o partido alto, e em músicas de Lupicínio Rodrigues e outros compositores.

Luciana Stegagno Picchio - Italiana, natural de Alessandria, Piemonte. É filóloga iberista e medievista, historiadora do teatro e da literatura. Autora de cerca de seiscentos títulos onde predominam os temas portugueses e brasileiros. É professora de língua e literatura portuguesa e de literatura brasileira na Universidade de Roma, "La Sapienza". Escreveu vários ensaios sobre lírica galego-portuguesa, literatura clássica, moderna e contemporânea, com ênfase em Camões, Fernando Pessoa e José Saramago, respectivamente.

Luiz Antonio Viana - Engenheiro formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação na PUC/RJ e na London Business School. Exerceu inúmeras funções nas administrações pública e privada, federais e estaduais. Liderou o processo de reestruturação do Grupo Pão de Açúcar. Atua em conselhos de diversas empresas e órgãos. Na presidência da Petrobras Distribuidora S.A. destacou-se por apoiar o cinema nacional e inúmeros projetos de todos os segmentos culturais. Hoje é presidente da Globocabo S/A.

Lygia Fagundes Telles - Escritora, paulista de nascimento, começou a escrever muito cedo. É autora de premiados romances e contos. Entre suas obras estão os romances "Ciranda de Pedra", "As Meninas", "As Horas Nuas". Também escreveu contos, como os reunidos nas obras "Antes do Baile Verde" e "A Noite Escura e mais eu". Seu mais recente livro é "Invenção e Memória". Recebeu o Prêmio Jabuti, de 1965, Pedro Nava, de 1989, entre outros. É membro da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira de nº 16, cujo patrono é Gregório de Matos.

Manoel Salustiano Soares - Nascido em Aliança, Pernambuco, Mestre Salu mudou-se aos 20 anos para a cidade de Olinda. Conhecedor das artes populares, montou diversos grupos de brincantes. Comanda o Espaço Ilumiara Zumbi, onde ensina dança. É um dos grandes responsáveis por manter viva a cultura popular para as novas gerações. Foi nomeado, por Ariano Suassuna, assessor especial em cultura popular. Gravou o CD "O Sonho da Rabeca", com catorze faixas, a maioria de sua autoria, onde mostra os diversos ritmos de Pernambuco.

Milton Gonçalves - Ator e diretor de teatro, cinema e televisão. Nasceu em Monte Santo, Minas Gerais. Atuou em mais de trinta peças teatrais e em mais de 100 filmes. Atuou e dirigiu, também, programas na TV Excelsior e na TV Globo, onde foi contratado para sua primeira telenovela. Sobrepondo seu talento às dificuldades, é um dos atores negros mais prestigiados do país. É um dos fundadores do Instituto de Pesquisa da Cultura Negra, foi membro do Conselho Cultural da Fundação Palmares e realizou o Projeto Zumbi Vive!

Milton Nascimento - Músico, cantor e compositor. Foi criado em Três Pontas, Minas Gerais. Integrou, juntamente com Wagner Tiso, Toninho Horta, Beto Guedes e Lô Borges, o famoso "Clube da Esquina". Atuou em projetos sociais como "Catavento" e "Música de Minas". Ganhou diversos prêmios internacionais, dentre eles, o World Rain Forest Awards, de 1996; o Grammy, em 1998, como melhor disco de world music pelo CD "Nascimento", e o Grammy Latino, em 2000, como melhor Álbum Brasileiro Pop Contemporâneo, com o CD "Crooner".

Paulo César Baptista de Faria - Cantor e compositor, nascido no Rio de Janeiro, Paulinho da Viola é uma referência da música popular brasileira. Suas composições incorporam elementos do jazz e da música erudita. Chamado de o Príncipe da MPB, iniciou sua carreira em 1964. Considerado um virtuose e um dos responsáveis pelo resgate do Chorinho brasileiro. Foi vencedor do Prêmio Sharp, em cinco categorias. É o autor de sucessos como "Foi um Rio que passou em minha Vida", "Sinal Fechado", "Sei lá Mangueira", entre outras.

Pilar Del Castillo Vera - Doutora em Direito e socióloga, nascida em Nador, no Marrocos. Recebeu o título de mestre da Ohio State University e é catedrática em Ciências Políticas e de Administração da mesma universidade. Foi diretora

da "Nueva Revista de Política, Cultura y Arte". Exerce, desde maio de 1996, o cargo de diretora do Centro de Pesquisas Sociológicas e o de professora de direito constitucional na UNED.

Purificación Carpinteyro Calderon - Advogada, nascida no México, graduou-se em Direito pela Escuela Libre de Derecho, do México. Tem título de mestrado pela Harvard Law School, dos Estados Unidos. Foi enviada ao Brasil pela WorldCom, por ocasião do processo de privatização da Embratel. Atualmente, é vice-presidente de Assuntos Regulatórios e de Serviços Locais da Embratel, empresa que, tradicionalmente, apoia inúmeros projetos culturais em todas as regiões do país.

Sari Bermúdez - Jornalista, comentarista e apresentadora de programas sobre a cultura latina nas televisões americanas, dentre eles o "Prime 9 News", do Canal 9 de Los Angeles, California. Sua atuação como produtora cultural, rendeu-lhe o Prêmio Nacional de Jornalismo em Divulgação Cultural, de 1995, e o Prêmio de Jornalismo, de 1994, da Associação Mexicana de Jornalistas de Rádio e Televisão. Atualmente, exerce o cargo de presidente do Conselho Nacional para a Cultura e as Artes - Conaculta, do México.

Sheila Copps - Natural da cidade de Hamilton, Ontário, Canadá, é bacharel em Artes e graduada em Francês e Inglês. Ingressou na política em 1981. Foi eleita para o parlamento em 1984 e re-eleita em quatro legislaturas sucessivas. Defensora da causa dos direitos humanos. Ministra do Meio-Ambiente, elaborou uma das legislações ambientais mais engajadas do mundo. Atualmente, como Ministra da Cultura do Canadá, desenvolve programas para a produção de filmes e televisão independentes e políticas de proteção dos direitos autorais.

Synésio Scofano Fernandes - General de divisão, graduado pela Academia Militar das Agulhas Negras, com mestrado pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e doutorado pela Escola de Comando e Estado-Maior. Foi subchefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Representante do Exército no Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Atualmente, comanda os trabalhos da Fundação Cultural do Exército, como diretor de Assuntos Culturais do Departamento de Ensino e Pesquisa.

Thiago de Mello - Poeta, escritor, jornalista e tradutor. Natural de Barreirinha, Amazonas, estudou Humanidades em Manaus, seguindo o curso universitário no Rio de Janeiro. Possui vinte livros publicados, sendo o primeiro "Silêncio e Palavra". Sua obra "Campos dos Milagres" recebeu o Prêmio Jabuti de 1999. Realizou trabalhos preventivos de proteção da Floresta Amazônica, por meio da publicação de livros e conferências. Representou o Brasil, nas funções de Adido Cultural, na Bolívia e no Chile. Também, participou de inúmeros encontros e júris internacionais.

Yvonne Lara da Costa - Cantora e compositora, Dona Ivone Lara é autora de mais de 300 composições, dentre elas muitos sambas de partido-alto. Foi a primeira mulher a compor um samba-enredo. Em 1947, transferiu-se para a Império Serrano, fundada por dissidentes da Prazer da Serrinha. "Sonho Meu", uma de suas músicas favoritas, gravada por Gal Costa e Maria Bethânia, recebeu o prêmio de melhor música de 1978. Em comemoração aos seus 50 anos de vida artística, foi lançado o cd "Bodas de Ouro", com a participação de vários cantores.

Agraciados de 1995 a 2000

1995

Antonio Carlos Magalhães
Celso Furtado
Fernanda Montenegro
Joãozinho Trinta
Jorge Amado
José Mindlin
José Sarney
Manoel Nascimento Brito
Nise da Silveira
Oscar Niemeyer
Pietro Maria Bardi
Ricardo Gribel
Roberto Marinho

1996

Athos Bulcão
Bibi Ferreira
Caribé
Carlos Eduardo Moreira Ferreira
Edemar Cid Ferreira
Francisco Brennand
Franco Montoro
Jens Olesen
Joel Mendes Rennó
Max Justo Guedes
Mestre Didi
Nélida Piñon
Olavo Setúbal
Padre Vaz
Sérgio Motta
Walter Moreira Salles

1997

Adélia Prado
Antônio Poteiro
Antônio Salgado
Braguinha
David Assayag
Diogo Pacheco
Dona Lenoca
Fayga Ostrower
Gilberto Chateaubriand
Gilberto Ferrez
Helena Severo
Hilda Hist
Jorge da Cunha Lima
Jorge Gerdal

José Ermínio de Moraes
José Safrá
Lúcio Costa
Luís Carlos Barreto
Mãe Olga do Alaketu
Marcos Vinícios Vilaça
Maria Clara Machado
Alberto Broughton
Ubiratan Aguiar
Wladimir Murtinho

J. Borges
João Antunes
Mãe Stella de Oxóssi
Maria Cecília Geyer
Maria Delith Balaban
Mário Covas
Paixão Côrtes
Paulo Fontainha Geyer
Romero Magalhães
Washington Novaes

1998

Abram Szajman
Altamiro Carilho
Antonio Britto
Ariano Suassuna
Cacá Diegues
Décio de Almeida Prado
Franz Weissmann
João Carlos Martins
José Hugo Celidônio
Lily Marinho
Mãe Cleusa dos Gantois
Milú Villela
Miguel Jorge
Dona Neuma da Mangueira
Octávio Frias
Olavo Monteiro de Carvalho
Paulo Autran
Paulo César Ximenes
Roseana Sarney
Ruth Rocha
Ruy Mesquita
Sebastião Salgado
Walter Hugo Khoury
Zenildo de Lucena

2000

Ana Maria Machado
Angela Gutierrez
Argemiro Geraldo de Barros Wanderley (Dom Gerardo)
Dalal Achcar
Edino Krieger
Elizabeth D'Angelo Serra
Firmino Ferreira Sampaio Neto
Gessiron Alves Franco (Siron Franco)
Gianfrancesco Guarneri
Gilberto Passos Gil Moreira
José Alves Antunes Filho
Luiz Henrique da Silveira
Luiz Sponchiato
Maria João Espírito Santo Bustorff Silva
Maria José Motta (Zezé Motta)
Maria Ruth dos Santos (Ruth Escobar)
Mario Miguel Nicola Garofalo
Martinho José Ferreira (Martinho da Vila)
Nelson José Pinto Freire
Paulo Tarso Flecha de Lima
Plínio Pacheco
Rodrigo Pederneiras Barbosa
Sabine Lovatelli
Sérgio Paulo Rouanet
Sérgio Silva do Amaral
Thomas Jorges Farkas
Tizuka Yamasaki





Ano da Literatura Brasileira

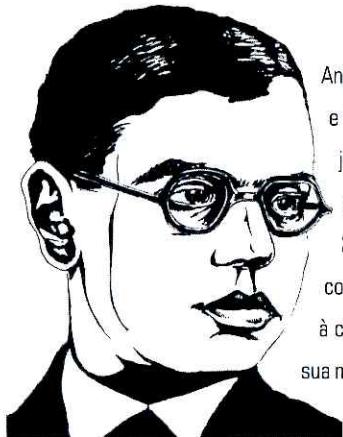
Ano da Literatura

Brasileira

Ordem do Mérito Cultural 2001

Alcântara Machado

Alcântara Machado



Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira nasceu em São Paulo em 1901 e faleceu no Rio de Janeiro em 1935. Formou-se em direito e dedicou-se ao jornalismo. Estreou em literatura com o livro Pathé-Baby (1926), prefaciado por Oswald de Andrade. Muito embora não tenha participado da Semana de 22, foi um dos fundadores da revista Terra Roxa e Outras Terras e colaborou com a Revista de Antropofagia. Mudou-se para o Rio de Janeiro para dedicar-se à carreira política como deputado federal, que não se consumou em virtude de sua morte prematura, exercendo também a crítica literária. Escreveu a obra Brás, Bexiga e Barra Funda (1927), com a advertência de que se tratava de um livro em linguagem jornalística. Como um escritor eminentemente paulista, descrevendo os bairros humildes da cidade, deu ensejo ao surgimento do personagem que já se fazia muito presente na vida da cidade, o ítalo-brasileiro, voltando sua atenção e sua prosa para a vida simples dos bairros operários, o proletariado. O título retoma justamente os bairros onde eles se fixavam. O estilo simples buscava aproximar a linguagem falada da literária, incorporando vocabulário do imigrante que se adaptava à nova realidade.

Escreveu também o livro de contos Laranja da China (1928), deixando inacabado o romance Mana Maria.

Cecília Meirelles

Cecília Meirelles

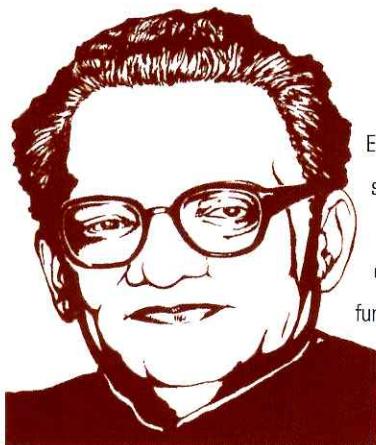
Cecília Meirelles nasceu no Rio de Janeiro em 7 de novembro de 1901 e morreu nesta mesma cidade em 9 de novembro de 1964. Órfã muito cedo, foi educada pela avó materna, vindo a diplomar-se como professora primária no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro. Segundo a carreira do magistério, lecionou na Universidade do Distrito Federal e na Universidade do Texas. Seu primeiro livro de poesias foi Espectro (1919), dezessete sonetos de tema histórico e sob o signo do Parnasianismo. Em 1922 e 1924, publicou dois livros de tonalidade simbolista, deixando-se atrair em seguida pela revolução modernista. Não se prendeu, no entanto, a nenhuma escola, criando sua poética a partir essencialmente de uma arte extremamente pessoal, de motivos íntimos e carga lírica própria.



Do ponto de vista técnico, era dotada de raro virtuosismo no manejo do lirismo, dominando com mestria toda a gama de metros da língua. Sua arte reflete uma grande luta pela expressão de extrema ânsia de perfeição, caracterizando-se pela mistura de espiritualidade e musicalidade. Em 1939, com o livro Viajem, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, após vivo debate suscitado na instituição pela poesia moderna. A evolução de sua poesia a elevaria ao posto de maior figura feminina do lirismo nas letras brasileiras. Outras entre suas obras mais importantes são: Baladas para el-rei (1924), Vaga música (1942), Mar absoluto (1945), Doze noturnos de Holanda (1952), Romanceiro da Inconfidência (1953), O pequeno oratório de Santa Clara (1955), Solombra (1964), Ou isto, ou aquilo (1969), este último destinado ao público infantil.

José Lins do Rego

José Lins do Rego



José Lins do Rego Cavalcânti nasceu no dia 3 de julho de 1901 em Engenho Corredor, no município de Pilar, na Paraíba, e morreu no dia 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro (RJ). Criado no engenho do avô, fez os primeiros estudos em Itabaiana e João Pessoa. Formou-se em Direito, em Recife, em 1923, tornando-se magistrado em Manhuaçu (MG) e funcionário do Ministério da Fazenda. A princípio reticente, por influência do "regionalismo tradicionalista" de Gilberto Freyre, com o movimento modernista, acabou incorporando-se ao grupo que consolidaria o Romance do Nordeste, dando feição mais social e política ao regional.

Sua obra baseia-se quase toda em memórias e reminiscências, trazendo a carga de um telurismo nostálgico, com saliência para a vida interiorana. Seus romances revelam o sistema econômico e social de origem patriarcal, com destaque para as condições de trabalho no eito, o cangaço e o misticismo. O próprio autor dividiu, assim, a sua obra: Ciclo da Cana-de-Açúcar - Menino de engenho (1932), Doidinho (1933), Bangüê (1934), Fogo morto (1943) e Usina (1936); e Ciclo do Cangaço, Misticismo e Seca - Pedra bonita (1938) e Cangaceiros (1953). Outras de suas obras importantes são: Moleque Ricardo (1935), Histórias de velha Totônia (1936), Pureza (1937) e Água-mãe (1941). O crítico José Pontes situou-as: "É em Fogo Morto que J.L.R. consegue sintetizar a grande saga da decadência dos engenhos, já entrevista nos outros romances. Três tipos, o coronel, o celeiro de beira de estrada e o cavaleiro andante (digamos o aristocrata sem dinheiro), refletem em seus destinos individuais o desaparecimento de uma civilização que se iniciou com a própria descoberta do Brasil e terminou com a industrialização, pela máquina e pelo capital exterior."

Em 1955 José Lins do Rego foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Murilo Mendes

Murilo Mendes



Murilo Monteiro Mendes nasceu em Juiz de Fora, no dia 13 de maio de 1901, e morreu em Lisboa, em 15 de agosto de 1975. Aos 15 anos iniciou, sem concluir, o curso da Escola de Farmácia, em sua cidade natal. Depois de morar um período em Niterói (RJ), voltou a Minas onde trabalhou como telegrafista, prático de farmácia, guarda-livros e funcionário no cartório de seu pai. Em 1920, foi levado para o Rio de Janeiro pelo irmão mais velho, indo trabalhar no Ministério da Fazenda. O primeiro livro, Poemas (1930), foi bem recebido pela crítica e premiado pela Fundação Graça Aranha. Embora seguindo as pegadas do Modernismo de 1922, a poesia de Murilo Mendes é mais séria, intimista, chegando muitos a falar em surrealismo. Mas o que o poeta quis, segundo

alguns críticos, foi "restaurar a poesia em Cristo". Os livros seguintes trazem sempre o poeta visionário, a perplexidade diante da vida injusta e a sublimação católica, com o halo do amor e da beleza. Ao completar 70 anos de idade, afirmou: "Sinto-me cada vez mais universal e mineiro". Tristão de Ataíde o situou, com grande tirocínio, entre o "angelismo e o demonismo". Em 1957, Murilo Mendes, a convite do Departamento Cultural do Itamarati, foi para a Itália lecionar na Universidade de Roma. Na Universidade de Pisa, criou o curso de Estudos Brasileiros. Em 1972 conquistou o Prêmio Internacional Etna-Taormina.

Outros de seus livros são História do Brasil (1932), A poesia em pânico (1938), O visionário (1941), As metamorfoses (1944), Mundo enigma (1945), Poesia liberdade (1947), Contemplação de Ouro Preto (1954), Parábola e siciliana (1959), Tempo espanhol (1959), Poliedro (1959), Ipotesi (texto original em italiano, 1978)..

Sílvio Romero

Sílvio Romero



Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero nasceu em Lagarto, no Estado de Sergipe, em 21 de abril de 1851, e morreu no Rio de Janeiro, no dia 18 de julho de 1914. Formado em Direito, deixou uma imensa obra, principalmente sobre crítica literária, doutrina política, filosofia, folclore, direito e sociologia. Em 1876, veio para o Rio de Janeiro, onde obteve a cátedra de Filosofia no Colégio Pedro II, dedicou-se intensamente ao jornalismo político, à crítica literária e ao ensaísmo e foi também membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Sua obra mais importante é História da Literatura Brasileira (1888) a primeira sistematização da literatura no Brasil, que transcende a mera história "literária", focalizando intensamente os problemas ligados à origem social étnica e à evolução da cultura nacional. Segundo Antônio Cândido, Sílvio Romero firmou o cânon da história literária brasileira, quaisquer que sejam as mudanças de julgamentos críticos acerca de livros e escritores; consolidou o conceito de que a realidade brasileira deve ser a base da literatura nacional; e valorizou a produção folclórica, com base na premissa de que a literatura deve estar em harmonia com o caráter do povo, testemunhando o processo de mestiçamento cultural. No campo do folclore, seus livros mais importantes são Os cantos e os contos populares do Brasil (1885) e Estudos sobre a poesia popular do Brasil (1887). Em filosofia, A filosofia no Brasil (1878). Outras obras importantes são: O caráter nacional e As origens do povo brasileiro (1871), O nacionalismo em literatura (1882) e Etnologia brasileira (1888).

Créditos

Realização



Patrocínio



Apoio



Produção Executiva



Produtor Fonográfico



Ficha Técnica

Coordenação Geral - Fábio de Sá Cesnik

Coordenação de Equipe - Letícia Pires

Coordenadoria Editorial - Priscila Akemi Beltrame

Coordenadoria de Arte - Empório das Artes Comunicação

Produção - Vila Rica Produções

Assessoria Jurídica - Ana Carmo de Azevedo e Rodrigo Kopke Salinas

Foto - Caio Mariano

Modelo - Fernanda Silva da Costa

Ordem do Mérito Cultural 2001

